

## Lançamento

# “O hip hop não é feito para vender muito”

III ★ Dealema editam segundo disco depois de um intervalo de sete anos III ★ Seguindo tradição no género, grupo mantém uma análise crítica sobre a evolução da sociedade

■ Mário Ramos

O que representa, no hip hop nacional, o 2º Piso? O quarto na casa de Mundo, produtor dos Dealema, em Vila Nova de Gaia, é um dos principais símbolos da história do grupo. Naquele espaço, a banda construiu uma obra importante, suscitando expectativas que agora procura satisfazer com a edição do álbum homónimo, à venda desde o início da semana.

Deste modo, não se sentiram desconfortáveis quando Mundo, Mase e DJ Guze se deslocaram ao 2.º piso do “Jornal de Notícias” para a entrevista: “O número não nos abandona”, confessa, intrigado e divertido, Mase.

Foi há sete anos, produzido no quarto de Mundo, que o grupo lançou um dos mais importantes registos de hip hop em português. “Expresso do submundo” é hoje considerado um disco fundamental na evolução do género no nosso país. Gravado “em condições miseráveis”, como realça Mundo, a maqueta serviu de apresentação às capacidades do grupo de cinco jovens.

Mas a pergunta era inevitável: porquê esperar sete anos pela estreia em álbum? “Talvez a necessidade de actuarmos em público várias vezes seja uma das razões. Os concertos constituem uma importante lição, trazem uma experiência fundamental para quem começa”, realça Mundo.

Adquirida a experiência necessária, apresentam, agora, o

**“Os concertos são, para quem começa, uma experiência fundamental para o amadurecimento”**

álbum “Dealema”, disco que inclui participações de alguns convidados especiais – como é tradição do hip hop em Portugal. Serial, dos Mind da Gap, e Sam the Kid vieram trazer “uma outra dinâmica ao álbum. É sempre importante ter outras pessoas a produzir, porque permite obter uma maior heterogeneidade. O ideal seria cada um dos elementos do grupo produzir, também, algumas faixas”, sorri Mundo. “Mas ainda não temos meios suficientes”.



Dealema apostam na exposição da realidade social portuense

Os instrumentos que agora utilizam são elucidativos da evolução que o grupo sofreu: “Para a maqueta, tínhamos apenas um gravador de quatro-pistas. Agora, é numa MPC 2000 que fazemos os sons que acompanham as nossas letras”, explica Mundo.

As letras descrevem o ambiente social em que o quinteto se insere. Desde descrições sobre intervenções da polícia em determinadas zonas do Porto, a agradecimentos ao público que

sempre os acompanhou, “o disco é um desfrutar da consonância entre os ‘beats’ criados pelos produtores com os MCs do grupo, mais a convidada especial, Marta Ren”.

Sempre que se fala de hip hop em Portugal, questiona-se se é desta que um álbum consegue chegar a um público mais alargado: “É difícil, porque o hip hop nunca foi reconhecido por vender muito. Mas também não temos esse objectivo”, conclui.